

A AÇÃO EDUCATIVA DA PESQUISA SERÁ SEMPRE UMA QUESTÃO DE ESCOLHA PESSOAL

Maria Ângela Coelho Mirault

Para contemporâneos de um modelo capitalista que impulsiona a competitividade desenfreada, em todos os setores da sociedade, visando atender a um mercado consumidor cada vez mais exigente, as pessoas passam a significar meros objetos e dados de pesquisa. Convivemos, neste final de século, em uma sociedade totalmente mensurável. Somos todos previsivelmente identificáveis, devidamente codificados e revelados, sob os mais diversos objetos de pesquisa. Classificados, compartimentando-nos neste ou naquele segmento social, numericamente pertencentes a esta ou àquela camada econômica da sociedade, com estes ou aqueles hábitos, estas ou aquelas tendências, capazes de tomarmos este ou aquele tipo de opção, que também, por sua vez, podem ser passíveis de influência e, por conseguinte, com possibilidades de manipulação e alteração.

Empresas pesquisam fornecedores, empregados e clientes; governos, políticos e cativos eleitores. Monopólios são mantidos e retroalimentados por pesquisas de todo o tipo. Paradoxalmente, no entanto, apesar de sermos tão conhecidos e estarmos incluídos em categorias tão previsíveis, quase nunca somos “perguntados”, tendo como objetivo a satisfação de nossos desejos e necessidades. Por que se interessam tanto pelo que pensamos, somos ou sabemos? A quem tanto interessa nossas opiniões?

Qualquer pesquisa social será sempre uma atividade invasora e intencional de alguém sobre alguns. A significativa diferença está na pesquisa, enquanto ação educativa. Nesse caso, essa intervenção deverá trazer a conotação da intervenção que busca a transformação

da realidade vivenciada, tendo no homem seu objeto e seu sujeito de mudanças sociais.

Para que tenha conotação educativa, a pesquisa precisa debruçar-se sobre um aspecto da realidade escolhida e vivenciada pelo pesquisador que, ao analisá-la e os referenciais, será também capaz de devolvê-los ao grupo social envolvido no seu trabalho e, com isso, compactuar com as formulações, proposições, atalhos e soluções conseqüentes.

Conscientes da impossibilidade utópica da acepção que preconiza o alheamento frente ao fato pesquisado, sabe-se também que qualquer ação interventora assinalará sempre uma concepção político-filosófica de alguém. E embora algumas intervenções possam revelar-se como simples ação ingênua por parte do pesquisador, temos que ter em mente que jamais essa neutralidade será isenta da realidade vivenciada. A simples intenção de pesquisa, a escolha e definição do problema, o levantamento de hipóteses ou instrumentos estarão contaminados da peculiaridade própria do seu autor. Na verdade, só ele terá a capacidade de dimensionar, pesquisar e concluir sua concepção da forma como a faz.

Conhecedores de que uma pesquisa-ação poderá, contudo, tanto tomar o caminho da transformação libertadora quanto subsidiar o fortalecimento da opressão, caberá sempre ao pesquisador decidir a quem lhe interessa emprestar sua capacidade e seu potencial humano.

Por trás das pesquisas contratadas pelas pequenas e grandes organizações, encontra-se toda uma estrutura técnico-profissional, subsidiando-lhes as intenções. Por força de circunstâncias, nem sempre dispensáveis, serve-se aos que detêm o poder de barganha mais convincente, muitas vezes emprestando cientificidade às decisões de controle e manipulação da classe dominante. E aí questionamos a conquista de mercados de trabalho que determinadas categorias profissionais, a partir da última década, passaram a desfrutar - explícita ou implicitamente - dentro das organizações. Desempenhando

funções cujos objetivos ocultos atenderiam à manutenção refinada da opressão predeterminada, conduzidos ao exercício implícito da capatazia, nas modernas organizações. Não estarão sendo entregues a esses profissionais, senão a tarefa oportuna de suprimir conflitos, fortalecendo e mantendo a dominação ingênua ou consciente?

Parece-nos claro que nem toda pesquisa social tem como meta uma ação educativa, da mesma forma que ressaltamos o pesquisador-educador como aquele que se preocupa e trabalha para atender essa demanda social, realizando-se inquietamente na busca da transformação, através do desenvolvimento de um papel de vanguarda, não compactuando com o estabelecido, autênticos agentes de mudanças, revolucionariamente silenciosos, mesmo sem conseguirem quem se lhes cumplciem e patrocinem a inquietação.

Mas, bem sabemos, a decisão de servir a este ou àquele modelo social, político e/ou econômico será sempre uma decisão pessoal. A turba por não reconhecer sua realidade político-social e, portanto, sem identificar seu verdadeiro líder, escolheu Barrabás. Guardadas as imensuráveis proporções, os brasileiros elegeram Collor. O nacionalismo equivocado e exacerbado alemão produziu o nazismo. E afastados da contemporaneidade, hoje, constatamos: naquele momento, todos os envolvidos acreditavam-se certos.

Por ser próprio do humano, não haverá escapatória; sempre estaremos sendo sujeitos e agentes da intencionalidade. A decisão será sempre um ato inteligente, solitariamente pessoal. Delimitando nossas intenções, cabe-nos também a decisão de trabalharmos para a conservação dos desejos estabelecidos pela minoria dominante ou servirmos à causa da libertação da maioria dominada.